



OCTAVIO
FERREIRA

N.º 100—Ano III

Director: REYNALDO FERREIRA
(Reporter X)

LER NESTE NUMERO:

A Proposito da Prisã
de Hennies—A Eped
mia dos Al-Capones—
Os Misterios da Rev
lução de 5 de Outubr
Um episodio Medieva
em pleno ano de 193

Preço 1 escudo

SEMANARIO
SENSACIONAL

ESPECTACULOS

— DE LISBOA —

Teatro Politeama — Areias de Portugal interessante revista, Estreia em Portugal, The Anderson Girls, 9 bailarinas alemãs.

Teatro Trindade — A Violeta de Montmartre Inaugura a sua época de inverno com esta linda opereta Vienense, estreia da Atriz-cantora Maria do Ceu.

Teatro Avenida — O Escorpião, Comédia em 3 actos, inauguração da época de inverno.

Teatro Maria Vitória — A nova revista o Xifarote.

Variedades — A hilariante e sempre sensacional revista — Desculpa O' Caetano.

Teatro Apolo — Variedades.

Capitolio — Cinemas e variedades.

Tivoli — Marlene Diétrich em o Expresso de Shagai.

São Luiz — Brigitte Helm, na super produção falada em francês, Gloria.

Condes — Casamento de Amor, 1.º Episódio das Aventuras de Bufalo Bill.

Central — Quich o Palhaço com Lillian Harvey.

Odeon — Era uma vez uma valsa, Inauguração da época de inverno.

Olimpia — «Sua esposa perante Deus» com Gary Cooper.

Chiado Terrasse — Trader Horner, Emocionantes aventuras.

— Luzes da Cidade Pelo univeversal Charlot.

is — Cruzeiro d'Amor e Dama das Camélias.

opa — Mister Wu, Ladrões e marinheiros em terra firme.

— DO PORTO —

Teatro Sá da Bandeira — Hora Suprema em grande êxito, a seguir — TAXI-9297. Original de Reynaldo Ferreira.

São — Cine — A Bela Aventura, por Kate de Nagy, grande sucesso.

Olimpia — Ricardito, Lobo do Mar pelo incomparavel atleta, Ricard Taladage.

Central — O Mistério da Casa Forte Senhor Americano, dois grandes films.

Odeon — 8 de Outubro — inauguração da época de inverno com o film cómico dos conhecidos PAT e PATAÇON. Musicos ambulantes.

TAXI 9297

de _____

REYNALDO FERREIRA

ESTREIA

Segunda-feira, 10 de Outubro de 1932

no _____

Teatro Sá da Bandeira

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasile América do Norte

PASSAPORTES

Agente no norte

DA _____

United States Lines

TELEFONE 762

Rua do Loureiro, 60 62 — PORTO

ERRARE HUMANUM Est...

Mas se errou ao escrever remedeia tudo, usando

SMART

À venda nas boas papelarias

Reporter HOMENS

FACTOS DO DIA

...como eu ia dizendo...

(Carta aberta a X, leitor do «X»)



quer eram emittadas ou macaqueadas — mas apenas

traduzidas e mal e em pessimo portuguez. Curioso, comprei outras obras do mesmo

literato (?)—e o impudor da primeira repetia-se em todas. Quer isto dizer que esse individuo, que nem para tradutor serve—passa como um dos mais fecundos autores contemporaneos!

«Mas não é só ele. D'alguem que está sobcarregado pela responsabilidade de um nome de mestre, academico, internacional—não tem conta as paginas que marquei, tecidas sobre ideias de Maupassant, Pierre Loti, Cautelle Mendés, François Coppé, Wells, Benavento, etc. O cavalheiro pega num argumento, muda os nomes, adopta-o a Portugal e veste-o com o seu estilo. E o mais grave é que ele é publicado tambem no estrangeiro onde o apresentam como o embaixador das nossas letras...»

«Outro dia fui com um amigo espanhol, ver um film feito sobre uma obra literaria portugueza. O meu amigo mostrou-se muito reservado e pediu-me depois a obra para a ler. E uma vez lida—restituiu—ma trazendo juntamente uma peça castelhana, do dramaturgo aragonez Felix y Codina. «Leia-a disse-me com um sorriso ironico—e fale-me depois. «Era quasi uma sobreposição ao trabalho portuguez. «Esse snr. Cedina roubou-nos a ideia da sua peça!» exclamei indignado; e o amigo espanhol acabou, explicando que Codina morrera há muito tempo, que o seu drama se representara em 1880 e que a obra lusitana apenas dotava do principio do século. E' triste—pois não é?—Sem mais, etc.»

F. Gouveia Ramos.

Divorcio de artistas

Anuncia-se o divorcio de Sacha Guitry e de Yvonne Printemps—e esta noticia abalou profundamente os parisienses. Não havia mais sal artistico mais Paris, mais querido do publico do que aquele. Sacha, filho do grande actor Lucien, é dos espiritos mais curiosos da nossa época. Actor, autor, empresario, as peças que ele escrevia e representava com Yvonne eternisavam-se no cartaz, rendendo-lhe fortunas. Foi ele quem creou o teatro chamado Biografico—desconhecido ainda entre nós.

Os parisienses viviam em tal intimidade com esse casal—que Sacha fez varias peças... sobre episodios intimos da sua vida. Quando se enamorou de Yvonne (Yvonne era casada e mal casada, divorciando-se para se unir a Sacha) a primeira peça em que os dois apareceram, escrita por ele intitulava-se... La femme, le mari et l'amant—baseada precisamente nesses amores. Mais tarde, quando fez as pazes com o pae, que se zangara por causa dessa aventura—escreveu outra comedia no mesmo genero—intitulada: Mon pere avait raison—em que Lucien fazia o papel de pae e de avô; Sacha de pai, de filho e... de neto; e Yvonne... de Yvonne.

Ignora-se o motivo do divorcio—mas sabe-se que ele é inevitavel e não se apoia em qualquer infidelidade. Os parisienses então dirigiram aos desavindos uma carta com alguns milhares de assinaturas em que lhes pediam o seguinte: que se separassem na

MEU caro X: Tu não duvidas da pureza química da minha sinceridade! Acreditas, pois, que leio com alegria e com emoção de regresso ao teu convívio e aperto, nos meus braços de papel, o teu peito, onde palpitam os milhares de corações dos que me leem — e que tu simbolizas. Sim... Alegre de emocionado. Mas se exigis uma análise minuciosa ao meu espírito e aos meus nervos, neste desembarque, para saberes se conservo o alvorçado entusiasmo, a alucinação dos horizontes sem muralha e do futuro sem curvas, com que, há dois anos, entrei pela primeira vez, na tua tertúlia — eu, que não quero mentir-te — baixarei os olhos, acamarei a grenha sempre revolta; e sem titubeios — confessar-te-hei: «Não; infelizmente perdi esse alvoroço e essa alucinação. Perdi o melhor: roubaram-me após uma longa série de ciladas nocturnas.»

E' possível que esta confidência te alarme, levando-te à falsa conclusão de que desperto destes três meses de esteril anestesia — sem interesse pela vida, pela lucta e pelo trabalho, como o mais mandraço dos operários quando acordam para começar a faina diária. Por isso me apresso a esclarecer-te — e a socegar-te. O que os rapinantes me levaram foram as ilusões, a confiança cega na lealdade jurada, a fé na justiça espontânea, a esperança no prêmio aos sacrificios que se fazem, resistindo, através todas as tentações e todas as ameaças; e sobretudo, aquela indiferença ao perigo, quando me lançava à la charge defendendo-me apenas das baixas que vinham direitas ao meu peito, porque não sopunha os adversários capazes de covarem alçapões no campo da batalha... Caheci, há anos, um sujeito cujo nome fora creolado por todos os triunfos. Nascera exuberante de força e de saúde; pobre, na mocidade, degladiara-se na arena da vida, vencendo sempre pela audácia, sem truces, pela tragem, sem premeditação; pela riqueza da sua tempera. Um dia, os que o cercavam Eusebiosinhos torturados de ambição us sem forças nem afoiteza para a mais sive das luctas — acharam que aquele outro vencida demais, que «trunfava demais»; como a bilis da ciumeira transbordava a máscaras hipocritas com que eles o aplaúam — conceitaram entre si vencê-lo como «bacillus de Kok podem vencer um herculeu—quem infectum, a tração, uma boa dose de sangue dum tuberculoso em último gr. O herói a que me refiro, quando o conheci — anos depois da offensiva dos billetes — a um individuo quasi tímido, astustadidum nervosismo inquietante; os olhos miam-se num constante relancear; escrevia ao menor estampido, não subia para unnarro sem ele estar completamente parado, to atravessava a rua sem uma demora observação para a direita e esquerda — istando a adivinhar através do seu físico actitudes o bravo e destemido

gladeador que fora. E ele desabafou comigo: «Que quer V.? Foi a vida, foram as ciladas, foram as traições que me transformaram. Estava habituado à lucta leal e à luz do dia. Súbito começo a sofrer assaltos não só imprevisivos — mas sobretudo inerecidos; ilógicos, maquiavélicos — e fiquei assim: um tímido, não ante actos claros ou ante as consequências naturais dos meus actos — mas sim pela constante expectativa da surpresa, do alçapão que se abre sob os nossos pés, das consequências dos actos que não cometo nem nunca pensamos cometer... Não há sistema nervoso que resista a este sistema de combate. Vive-se nas trevas, tropeçando-se, escutando os estalidos das navalhas de ponta e mola que se abrem e não se veem, ouvindo a sentença de juizes que nos condenam e uma mordada nos impede de defender, de gritar, de pedir por socorro...»

Tranquilisa-te, meu querido amigo, meu grande e leal amigo: felizmente não é este o meu caso. Ao todo eles só me levaram as ilusões — e por isto mesmo me encontro agora menos ao alcance das suas navalhas de «ponta e mola», mas conservo duas grandes armas de combate — as essenciais, aqueles que tu não me dispensavas nunca e sem as quais não ousaria nunca regressar ao teu convívio: a dignidade invencível que não me deixa calar ante nenhuma infamia, sob qualquer ameaça e honradamente indifferente a todas as tentações; e o amor ao trabalho, o amor à minha profissão... E assim se explica esta alegria e este alvoroço — o alvoroço da vesperta da batalha e a alegria de volver à minha banca de escriba... Isso é o que os miseráveis não conseguiram levar-me porque seria preciso levarem-me a alma e a tanto não chega a sua coragem...»

E, agora, já sabes, meu caro X: todas as semanas, ter-me-has na tua tertúlia a contarte o que se passou por esse mundo fora e a executar a tua repulsa honrada entre todos os que o não são... Um abraço do sempre teu dedicado

Reporter X.

Pelagios escandalosos da nossa literatura

Recebemos a seguinte carta: «Snr. Director: Pertencço a esta minguada fauna dos que — em Portugal — leem e se interessam pelas letras — sem serem ou pretendem ser — escritores. Sentir-me-hia envaidecido e venturoso se a literatura nacional me bastasse... Mas infelizmente — não basta e sendo obrigado a estar em dia com o que se publica em França e em Espanha. Graças a este facto posso, em qualquer altura, medir os contrastes existentes entre a nossa literatura e a estrangeira. E nestas condições tenha sido surpreendido — cada vez com maior frequência — pelos pelagios mais audazes que emaginar se pode. Isto revolta-me — precisamente porque sou portuguez. Outro dia, caí-me nas mãos um volume sobre... cousas da guerra — original de Fulano. Comecei a ler; e como conheço toda a livreria da guerra editada lá fora, contei 2/3 das paginas que nem se

N.º 100 / ANO 111

S á b a d o , 8 de Outubro 1932

DIRECTOR-EDITOR REYNALDO FERREIRA (Reporter X)

PROPRIEDADE DE MERCEDES CAL

Escritório: R. Picaria 73

Composição e Impressão

na Tip. LEITÃO

Rua da Picaria, 73

— PORTO —

vida, já que era impossível harmonizal'os; mas que continuassem unidos em scena visto que Paris não podia já deshabituar-se à graça e à beleza das suas artes alladas...

Mais um da «série» de Famacão

Famacão, a mais cameliãna e uma das mais belas terras minhotas tem servido, ultimamente, de palco a um desfile, quasi ininterrupto, de *affaires à sensation*. Ainda não se apagou, no espaço, o eco do famoso escandalo dos diamantes de Angola, ainda certo cavalheiro não respira a plenos pulmões, todo fagigado pelos primeiros abraços do nosso esparto—e d'olhos fixos no horizonte, á espera que retina a campainha anunciando novos rounds; e já os nossos projectores, holofoteando os seus bastidores, rasgam os veus de um novo escandalo.

Existe em Portugal uma arma tremenda, ao alcance das garras de todos os ambiciosos sem escrupulos e que sendo usada constantemente por eles, tem inqesitoriado milhares de individuos—cujo unico crime é não cedarem ou não morrerem com a pressa que os herdeiros desejariam. Essa arma é a... interdição. Qualquer pretexto, verdadeiro ou não (e é tão facil tornecel-o, mesmo aparente, mas á medida das exigencias da velha lei) serve para assassinar social e moralmente um parente rico e prohibir-lhe que viva e gaste como lhe apeteça, a fortuna que ganhou com tanto sacrificio...

Pois é este o novo velho escandalo que está sendo interceptado pela nossa T. S. F... Um grupo conjura o assalto a uma fortuna e com o método, a frieza e a premeditação triângula de comerciantes em calculo de negocio honrado. Graças ás suas manobras já um desgraçado ente, que mourejou toda a existência para passar sua velhice suave e alegre—vê-se, enterrado vivo, tão distanciado do que é seu como se fôsse assaltado numa estrada. Mas não termina aqui a obra do tal grupo... Um outro velho que corta sem querer o caminho aos seus planos—está lutando, com as poucas forças que lhe restam, para evitar a sepultura da interdição, que lhe foi cavada na terra...

Mas—já falamos demasiado. Esperemos a próxima semana.

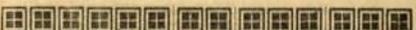


CAMISARIA

9 DE JULHO

Venceu a batalha das camisas e das camisolas vendendo melhor e mais barato.

Largo dos Loios, 9 PORTO



UMA EXPERIENCIA FEITA PELO REPORTER X

RESPOSTA AO ANUNCIO N.º.....



AS páginas dos pequenos anúncios dos grandes diários teem os seus leitores, tão fieis e tão numerosos como os do artigo do fundo ou do folhetim. O interesse que os move é espiritual, burguês, um interesse de pantufas e robe de chambre, gêmeo ao do coleccionador de postais ou ao do charadista. E não lhes chamem tólos!

No dia 22 do mês passado, por exemplo, defrontaram-se no «Noticias» com o seguinte pequeno anúncio, cheio de sabor para os seus sabios paladares:

«Continuo: precisa-se para uma importante empresa estrangeira. Ordenado, d'entrada, 300 escudos. Dá-se preferência ao pretendente que apresentar maior número de habilitações.»

Este anúncio era o primeiro de uma série que o «Reporter X» fez publicar em vários rotativos de Lisboa e Porto, objectivando a conquista de o material informativo necessário para uma experiência oportuna e de útil ensinamento. Pretendiamos, atravez dessas ofertas de emprego, medir a situação em que se encontram no nosso país aqueles que estudaram, no engodo do triunfo legítimo a que os seus cursos davam direito e que, por excesso de «cursos superiores» e por desprezo pelas outras profissões, se veem sem trabalho nem receita, impossibilitados de ganharem a vida pelo seu *metier* e dispostos a lançar mão dos lugares mais humildes—eles que, na hora das grandes decisões não quizeram ser operários com preparação técnica.

A esse primeiro anúncio—responderam 53 individuos—dos quais, apenas 18... estavam naturalmente indicados para... continuos. Dos restantes 35—sete tinham o terceiro ano do liceu; três, o quarto; um, o sétimo; dez tinham estudado em vários cursos comerciais; doze falavam o francês ou inglês—e alguns os dois idiomas—e apresentavam habilitações como escrever á máquina, taquigrafia, contabilidade, etc.; um tinha o curso da Escola Normal; e por último—havia

um que cursára direito e que nos escreveu, entre outros, os trechos que se seguem:

«Não me foi possível formar-me, embora pouco me falte (*esse pouco* são os recursos monetários para o fazer) e espero pode-lo fazer quando ganhar o suficiente para comer e dormir e pensar de novo em estudos. De todas ns formas creio que nenhum pretendente ao lugar que V. Ex.^{as} oferecem apresentará as minhas habilitações. Por muito triste que seja para mim, que sonhei com a glória do lóro, ver-me como continuo—pior, é a minha situação actual que se acerca da miséria.»

Outro anúncio, que saiu no dia seguinte, no «Noticias» do Porto, era do seguinte teor:

Precisa-se de um jardineiro que tome a responsabilidade de um grande jardim particular. Casa, cama e meza e ordenado. Resposta com referências, habilitações e quanto pretende ganhar.

Das quasi cinco duzias de cartas que recebemos a propósito deste anúncio algumas eram dos mesmos individuos que responderam ao anterior e a quem a necessidade obrigava a mentir, jurando uma experiência profissional, ao nível de qualquer Constantino, desmentindo contradizendo-se até no que tinham escrito na outra carta. Mas de todos os pretendentes, o mais digno de registro é este:

«Creio que melhor do que eu ninguém poderá corresponder ao que V. Ex.^a deseja visto que—calcule—sou engenheiro agrônomo, como posso provar pelo meu diploma. Tendo terminado o curso em 1930 ainda não consegui, até hoje, uma colocação. No referente a ordenado contentar-me-hei com cem escudos—desde que V. Ex.^a conceda as regalias de cama e mesa a minha esposa—visto que sou casado.»

Para terminar: duas meninas, uma com o curso da Escola Normal e outra com o do Comércio—aceitavam o lugar de *roupas de um hotel da provincia*, sem outro gajo além do da alimentação e hospedagem; uma senhora educada num convento aristocrático de Paris, supplicava a situação de *manucure* dum barbeiro; um moço com cetero ano de medicina, estava disposto, ser *chauffeur* de praça; um diplomado das elas Artes, pretendia ser copeiro dum *restaurant* e... um ex-estudante de arquitectura molava a situação de... caixeiro dum tabaria com ordenado de 150 escudos...

Eloquente esta experiência—não é irrdade? Que os pais antes de mandarem eudar os filhos—leiam e releiam esta pequena e despretenciosa reportagem.

CASA CAPUCHINHO

Vinhos de mesa das melhores procedencias

Preços de concorrencia

Rua do Bonjardim, 445

PORTO

A PROPOSITO DA PRISÃO DE HENNIES

Estranhas revelações sôbre esse grande aventureiro

3 Hennies; 3 burlas; 3 prisões—e 1 suicídio



«...Um casal misterioso denunciou Wieth e...»

Foto «Tagé Zeitung»

Foi nas vésperas do primeiro numero do «Reporter X». Na lufa-lufa e na febre com que se *misencenam* ideias, projectos, esperanças—exigia-se um acontecimento sensacionalista, um *affaire* imprevisito e emocionante—que chancelasse o primeiro triunfo do jornal—ainda no ventre da maquina. Subito, uma carta vinha de Holanda—e dois dias depois caia-nos do ceu o telegrama que essa carta nos prometia, caso as profecias do seu autor saíssem certas... «A pessoa que sabe deve estar já em Vigo onde embarcará para a America—dizia o telegrama...» Não havia um minuto a perder...

A prisão de Hennies

Não vamos repetir o que os diários já disseram. Hennies, o grande aventureiro internacional, manco, mas agil; Fregoli de personalidades, desdobrando-se, desencarnando-se, reencarnando-se como um Fakir que joga com as almas e com os corpos, mudando de nome como quem muda de fato—despindo para cada nome um passaporte, uma individualidade, e até... um passado—não quis, como Alves Reis, arrisca-se, floreado de uma esperteza contra os sabres da justiça. Avisados a bordo pelo mesmo radio—um vêm oferecer-se às algemas—o outro manco, sumiu-se como que por encanto. Veem-no em Inglaterra—numa rapida passagem: e depois sirandando pelas ruas de Haya—como o mais tranquilo dos burguezes. Mas a policia Holandesa resolve prender Marang—e Hennies; ao ver as barbas do socio chamuscadas—mergulha no misterio—dissipa-se como uma figura de cinema quando termina o film e a sala se ilumina. E desta vez leva sete anos a desencascar-se dos fluidos que o tornam invisivel como certo heroe de Wells.

Fazem-se acusações! Berra-se que certas forças estrangeiras o protegem e o escondem. É, de facto, inverosimil a sua impunidade atravez as redes policiais da Europa. Julgado à revelia, condenado—a nossa justiça cansa-se de o procurar; desiste-se—quasi que o

esquecemos. E quando menos se espera um casal enigmatico propõe à nossa legação, em Berlim, a denuncia do seu poiso—em troca de 2.000 marcos. Contadas as moedas e revelado o nome do *Restaurant* onde ele come—a policia teve apenas o trabalho de o ir buscar. Após sete anos de genial ilusionismo—o grande aventureiro é preso como o mais desajeitado e bronco dos carteiristas! E extranho! tão extranho como esse casal...

A entrevista de Vigo

—Foi ali, naquela mesa—contou-nos, certa manhã de dezembro de 1926, um «alto funcionario» do Hotel Central, de Haya, onde nos hospedamos.—Hennies começara a comer um bife. Chamam-no ao telefone; e ao sair da cabine vem nervoso, palido partindo, apressado, sem chapéu, sem acabar o bife nem pagar a conta! dez minutos depois sabia eu que Marang estava preso... meia hora mais tarde entravam no Hotel dois *detectives* que o vinham prender... mas sem grande esperança...

«Dizem que a policia de vários paizes o procura com tenacidade e entusiasmo... prosseguiu o meu informador | Pode ser... mas surpreende-me que não o tenham descoberto ainda... Olhe: vem muitas vezes a este hotel uma alta individualidade estrangeira—politico e financeiro, e um dos maiores da Europa. Era amigo intimo de Hennies. Sempre que esse estrangeiro illustre chega a Haya—vem buscar aqui a correspondência acumulada na sua ausencia... Quer ver? (Exibe-nos uma carta estampilhada com selo turco e indicou-nos o remete. Lemos: *A. H.—Péra—Palace—Péra—Constantinopla*) como se prova—continuou—o autor destas cartas, embora use apenas duas iniciaes, não se esforça muito por ocultar... E note: apenas ha um mes é que ele escreve de Constantinopla. Anteriormente as suas cartas vinham de varias outras capitais

européias—algumas bem proximas da Holanda...»

Mantivemos correspondência, até 1930, com este precioso funcionario do Hotel Central de Haya—no engodo de certa promessa que ele nos fizera. Eram dele a carta e o telegrama que nos alertaram em agosto de 1930... Fomos a Vigo—e abordamos a *pessoa* a que se referia. Um fotografo retratou-nos, aos dois, à mesma meza dum terraço de café—sem que ele o suspeitasse. Esse foto ilustrava o nosso primeiro numero... Desse individuo—recordo que mancava um pouco... Dessa entrevista recordo-me apenas duma frase—a proposito da sua viagem à America, como plenipotenciario dum *trust* europeu-americano. «Não é só nas guerras que se ocupam os homens; é tambem na paz. A França (ele era alemão...) quando temia que um espião o compromettesse mandava-o à Alemanha e denunciava-o aos alemães para que estes o fuzilassem, poupando-se assim, responsabilidades e trabalhos...»

Dizem que Hennies foi a alma, o arquiteto do Angola e Metropole—o titeriteiro de todos os outros. Que a ideia e *maquete* pertenciam-lhe e quando abordou os cúmplices apenas lhes recitou o que sabia de cór. Que deixou que os outros retocassem detalhes menores para lhes dar a impressão de colaboradores do libreto... Perguntamos: agiu ele apenas bussolado pela sua ambição de aventureiro—ou foi instrumentos de outras forças e de outros planos? Sem titubiar: foi ele o Machiavelo—ou o Machiavelo está por detrás dele?

Vejam os: as consequências desastrosas que o «A & M» podia provocar a Portugal—eram as mesmas que a Hungria, a Polonia, a Bulgaria mais soltendo... os aspectos das burlas diferem apenas nos detalhes: na essencia são gemeas. Mais: todas elas tiveram o seu Hennies. O da Hungria chama-se Jesuah Oliver e é alemão; o da Polonia, Kaul Wieth—é escadinavo; o da Bulgaria, Paul o Steffam e é suizo.—Note-se: Olivier já foi mexicano e Tcheco; Wieth, já teve encarnações nomes e passaportes de suecos e holandezes; Steffam já foi italiano e francez. Existe um quarto de outra ca-

continua na pagina 14



Wieth—o Hennies dinamarquez

Foto «Tage Zeitung»

NOVELA-REPORTAGEM

Um episodio medieval em pleno ano de 1932...

...OU UM LOBISHOMEM QUE TROUXE

APHORISMO UM BAIRRO INTEIRO

QUER V. um bom assunto, uma reportagem pitoresca — e empolgante pelo enigma dos factos que a compõem? Sim, senhor — factos veridicos — pelo menos as consequências são indiscutíveis... Basta dizer-lhe que trouxe toda uma rua ou quasi um bairro num alarme angustioso e constante. Você acredita em lobishomens? Nunca leu o que Cavaleiro de Oliveira escreveu, em 1740 a esse respeito? Então, venha daí...»

O SR. ANDERSON

Atravessamos a Praça do Infante e entramos numa rua que vem desembocar nas visinhanças do Douro. O nosso amigo José Campos fez-nos subir a um primeiro andar muito limpo e arranjado. Oleografias italianas pelas paredes. Da cosinha, onde cham frituras, vem o fartum morno e característico das pensões modestas. José Campos apresenta-nos a patrão da pensão — D. Albertina dos Reis, viuva dum antigo bilheteiro do Carlos Alberto — e pede-lhe para me contar o que...

«—Cruzes! Quem me dera a mim esquecer o que se passou! Bem basta os desgostos que sofri.» E terminado o preâmbulo — decidiu-se a entrar nas revelações:—O sr. lembra-se duma Companhia de Circo que esteve, ha tempos, no Palácio de Cristal, com muita bicharia — camelos, elefantes, tigres, macacos — uma arca de Noé? Pois bem: como o meu falecido era muito estimado pela gente de teatro — sempre que veem companhias ao Porto, alguns artistas hospedam-se cá em casa. Desta vez, como eram todos estrangeiros — apenas me trouxeram um... Era um rapagão bem parecido e simpático... Olhe — aqui está o retrato que ele deixou... Chamava-se Anderson — era dessa terra donde vem o bacalhau... Ah! Já me esqueceu — da Suécia... Como? Suecia? Isso... Era suécio e trabalhava com os bichos. Um domingo ofereceu-nos, a mim e aos meus, bilhetes para a *matinée*. Fomos mais cedo e ele andou-nos a mostrar os animais. Estavam a dar-lhes comida quando de repente, um chimpanzé enorme, enfurecendo-se deu um pinote, quebrou a corrente e aos guinchos e aos saltos, fugiu para o jardim. Foi o dia de juizo... A gente a correr, os empregados do circo a berrar e não houve forma de apanharem o animal. Reparei então que o sr. Anderson se pôs branco como um morto — e com a desculpa que ia ajudar á caçada deixou-nos... Nesse dia, ao jantar, ele que era palrador — não deu palavra. Estávamos no verão e ás sete horas era dia ainda. Salu mais cedo do que o costume — e pela primeira vez não veio dormir a casa. No dia seguinte, perto das quatro, veio um empregado do circo a perguntar por ele. Que não viera almoçar — dissemos. A's seis voltou o mesmo empregado; e ás sete; e ás oito... Que o patrão estava zangadissimo porque o sr. Anderson ainda não puzera os pés no Palácio — e estava com medo que faltasse ao espectáculo. E faltou mesmo. Ao segundo dia assustei-me porque simpatisava com ele. O empresário foi á policia e ao hospital... Ninguém dera fé do sr. Anderson...

A D. Albertina humedece com a ponta da lingua os labios secos e prossegue: «—Até aqui foi a *cousa* bem. O *bruxedo* começa depois... Ora ouça...

O MONSTRO NOCTURNO

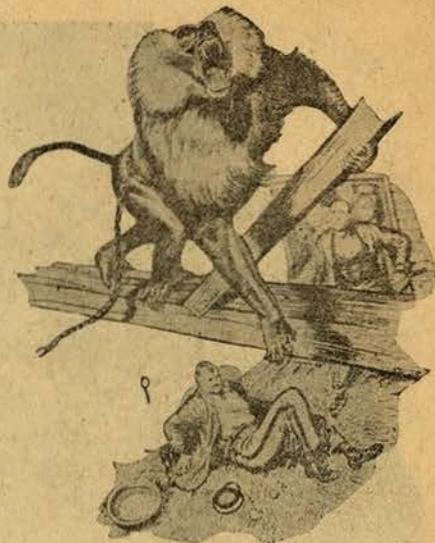
«—Passaram-se trez dias. Uma madrugada acordei com grande barulheira cá na rua. Embrulhei-me numa manta e fui á janela. Era uma visinha e o marido que pediam por socorro. Também eles estavam deitados quando a criada os veio despertar, toda em tremuras, dizendo que estava alguem na varanda da cosinha a querer arrombar a janela... Levantaram-se e mal abriram os batedentes de madeira veem um monstro — uma espécie de macaco enorme, que atravez dos vidros, arreganhava a dentuça, furioso... Calcule como ficaram... Correram para a janela da frente a gritar pela policia. Um guarda e alguns visinhos subiram ao andar — mas já o monstro desaparecera. Houve quem supozesse que aquilo tivesse sido ilusão! Mas não é crível que todos os trez se iludissem...»

«Na manhã seguinte a minha filha veio dizer-me que o sr. Anderson estava no



Mr. Anderson

quarto. Fiquei atontada! Por onde entrara ele? Disse-me depois que fora um outro hospede quem lhe abriu a porta — explicando a sua ausencia de um modo que me deixou... pouco crente! Voltou ao trabalho — e ao cabo de cinco dias tornou a desaparecer. Repetiram-se as mesmas visitas dos empregados do circo — e passada uma semana, a meio da noite deu-se um novo escandalo na rua. Dessa vez foi com a familia que vive aqui mesmo no predio ao lado. A sobrinha namoriscava, das janelas trazeiras, o filho do mercieiro; de repente veem um vulto a marinhar pelo cano, a trepar as janelas, e ao ser iluminado pelo luar ambos ficaram horrorizados: era um monstro, macaco ou fantasma, com os olhos a faiscarem e soltando guinchos que eram de assustar um regimento! A pequena gritou, desmaiou; o rapaz vem á rua chamar a policia — mas... nada encontraram. E na manhã seguinte a criada veio dizer-me com grande espanto, que a janelinha da cosinha, que eu e ela fecharamos na vespera tinha um vidro partido e estava apenas encostada. Ao passar pelo quarto do sr. Ander-



Rebentando a corrente o animal libertou-se dos guardas...

son — ouvi passos. Era o sr. Anderson que voltava — tão misteriosamente como da primeira vez — mas desta vez nem sequer me deu explicações.

A BALA QUE ACERTA NO ALVO

«Resumindo: O circo esteve apenas mais alguns dias no Porto, e ao partir não levou o meu hospede. O patrão despedira-o. «Como tenho economias, vou descançar aqui algum tempo até arranjar novo contracto — disse-me ele». A partir de então as suas ausencias tornaram-se mais frequentes e longas — e rara era a semana que, não só nesta rua, como nas ruas visinhas não havia o alarme por causa do monstro. E' muito possivel que algumas vezes fosse *ilusão*, *mania*, — ou que quizessem. Nas outras era realidade. Eu mesmo vi o tal *monstro* — uma madrugada... Isto durou mezes, meu caro senhor. Cá no bairro não se falava noutra cousa. O *Jornal de Noticias* chegou a publicar umas *piadas* — duvidando que fosse justo o panico dos meus visinhos... Há cousa de uns dois mezes, o sr. Ximenes, dono da loja da esquina, que vive por cima do estabelecimento e que jurava que havia de ajustar contas com o *fantasma* (ele é um ateu excomungado) estando á janela da casa de jantar, que fica nas trazeiras, notou que havia alguem no quintalito. Foi buscar a caçadeira, esperou que o vulto lhe oferecesse alvo e — zás! disparou-lhe um tiro. Conta o sr. Ximenes que o monstro parecia ter azougue e aos pulos, mas pulos de metros, desapareceu. Correu ao quintal e viu uns pingos de sangue... A bala, pelo menos, ferira o *fantasma*. «Fantasma que deita sangue — hum! é *fantasma* mui exquisito! — disse o sr. Ximenes.

«Pois bem. O sr. Anderson, que havia duas semanas que não vinha á pensão — apareceu na manhã seguinte, no seu quarto. Pediu que lhe levassem a comida á cama — porque se sentia adoentado. A doença durou oito dias. Ao nono dia levantou-se e cruzou-se comigo no corredor — mostrando evidente contrariedade por me encontrar... Coxeava e muito, da perna direita — sendo obrigado a apolar-se a uma bengala. «Que foi isso, sr. Anderson? indaguei. — «Cai dum electrico e magoei-me bastante». Foi a ultima vez que o vi. Salu para nunca mais voltar; e o tal monstro tão pouco tornou a alarmar os habitantes deste bairro.»

O REPORTER X vende-se em todo o país

A PROPOSITO DE GORGULOFF

As ultimas palavras dos condenados á morte e a extraordinária experiência do Dr. Xenez

Quantas cabeças destroncou, até hoje, a guilhotina. — Uma -blague- de Landru. — Os degolados vivem para além da guilhotina?



As autoridades despertam o condenado com a classica frase... «Chegou a hora de liquidar a sua dívida com a sociedade.»

«LES morts sont vite...»; e mesmo quando a morte se, cerca do grande espectáculo da guilhotina, como o do russo Gorguloff, o assassino do presidente da Republica Franceza, depressa são esquecidos. Gorguloff, após duas ou tres semanas de subir ao patíbulo, perdeu já toda a oportunidade jornalística, todo o interesse de polemica. Isto não impede que se tire um *ensemble* do que se disse então — e desse conjunto se arranquem alguns aspectos insuspeitados e empolgantes. Felix Rosenberg, por exemplo, num artigo contra a pena de morte em *Le Paris-Soir*, oferece-nos uma estatística deveras curiosa. Quantas cabeças morderam até hoje, com a sua dentuça voraz, as guilhotinas francezas, desde que o Dr. Guillotin, nas vespersas das sangrentas orgias revolucionárias, construiu a primeira? Quantas guilhotinas se construíram até hoje? Quantas existem? Eis a resposta de Rosenberg: «Actualmente existem em França, aptas a funcionar, doze guilhotinas, não falando de duas caducas, e estropeadas que, meio desmontadas, dormem o sono eterno, nas caves da Santé e das que andam espalhadas pelos museus. Em pleno Terror, chegaram a funcionar, simultaneamente, em toda a França, vinte e tal guilhotinas. Usando dos informes ao alcance dum rapido inquerito, calcula-se em doze mil cento e quinze as cabeças destroncadas pelas guilhotinas, incluindo a de Gorguloff — mas sem contar com o desvasto humano da epoca revolucionaria. O Terror levou ao patíbulo 22.871 vidas. Total: 34.986 cabeças — em pouco mais de um seculo...»

Frases celebres

O protocolo da guilhotina é sempre o mesmo e varia um pouco do garrote espanhol e da forca inglesa. O condenado nem sempre sabe a data fatal. Na manhã da execução, entram na cela as autoridades, os médicos, o carrasco e auxiliares, todos trajados de negro e despertam o desgraçado com a frase sacramental: «Coragem... Chegou a hora de liquidar a sua dívida com a sociedade. A nossa fantasia é impotente para imaginar o que será a sensação que este despertar provoca no condenado. Perguntam-lhe se deseja receber o auxilio da religião. (Gorguloff aceitou-o, sendo acompanhado por um pope russo). Fazem-lhe a *toilette* cortam-lhe a camisa e os cabelos na nuca. Oferecem-lhe um almoço farto e cuidado (que come); não se esquecendo nunca duns calices de rhum ou cognac e do... ultimo cigarro. Por fim, outra frase

sacramental: «Tem algum pedido a fazer? Algum desejo a satisfazer?» Depois forma-se o cortejo. A silhueta da maquina da morte que foi montada pelo carrasco e ajudantes, durante a madrugada, entre fileiras da guarda republicana e policia — obriga quasi sempre o condenado a recuar um pouco... Mas este vai bem seguro, entre dois ajudantes do verdugo. O que se segue — dura segundos: o carrasco experimenta a guilhotina, fazendo cair, de vez, a lamina; torna a subi-la enquanto encostam o corpo do condenado a uma prancha que se move e vai colocar o pescoço no anel da maquina; nesse mesmo instante a lamina desce com toda a sua força e a cabeça destroncada resvala para um cesto que é logo fechado e levado, juntamente com o corpo mutilado...



O barbeiro da prisão corta o cabelo ao condenado para facilitar o trabalho do verdugo...

Gorguloff morreu exclamando: «Tudo pela Rússia!» Raro é o condenado que, entre o despertar na cela, e o patíbulo, não deixa de frase ou de atitude de o celebrar. Landru, por exemplo, quando ao almoço quizeram que ele bebesse um calice de alcool — respondeu: «Obrigado — mas faz-me mal ao estômago». O jovem e elegante assassino da Avenue Mozart foi simples e sincero: «Aceito a morte porque a mereço!» O mais frequente é o grito berrante e importuno muitas vezes de «Viva a Anarquia!» Os três facinoras do bando Bonot — Le Beuf & C.^a — levaram a insensibilidade e o cinismo a blaguearem frente à guilhotina. Quando se abriu a porta do carro celular, frente ao pati-

bulo, começaram discutindo, entre eles, com salamaleques cortezes, quem devia sair primeiro: «Primeiro tu!» — «Ah! Nunca! Levi incapaz duma falta de delicadeza dava ordens. Tu é que vais primeiro, porque és mais velho». E quando o primeiro se decidiu a abandonar o carro, já a dois passos da prancha — gritou para os companheiros: «Até já, *copains*!» Se houver alguma taberna no outro mundo já sabem onde me encontram!»

Conta-se que Jean Resang, o co-autor dum atentado contra Napoleão III — quando lhe perguntaram se tinha um último desejo a satisfazer — uma última vontade — respondeu, muito calmo: «Toda a minha vida ambicionei falar o idioma inglês. Se me dão licença, vou aprendê-lo agora...» Do tempo do Terror, são centenas as *últimas frases* que ficaram históricas. A de André Chemier, por exemplo, batendo na testa: «E' pena que me cortem a cabeça porque havia muita coisa de valor cá dentro...» Maria Antonieta — dizem — tendo pisado o carrasco, ao entrar no patíbulo, exclamou: «Ah! Pardon Monsieur» — e ofereceu o mais belo dos seus sorrisos ao homem que segundos depois a degolava. Luis XVI que tentou junto à guilhotina, falar ao povo — o que os tambores, rufando ruidosamente não deixaram — chegou a dizer: Morro inocente — e Deus permita que o meu sangue não caia sobre a França!»

A cabeça do guilhotinado

A rapidez do golpe da lâmina, na guilhotina, levou muitos médicos a estudar o fenómeno da construção da vida nas duas partes — cabeça e corpo — dos guilhotinados. O Dr. Xenez, um médico meio oriental meio europeu que teve a sua aureola, em França e e que muitos colegas acusavam de charlatanismo — foi muito longe nas suas afirmações sobre este assunto — admitindo a hipótese de que o cerebro do degolado continuava a funcionar, durante alguns segundos — ou seja *continuava a pensar*, graças ao sangue que circula ainda e à trepidação dos nervos. Se assim fôsse que horríveis segundos deviam ser êsses! Mas Dr. Xenez, baseado no

Conclui na pág. 14.

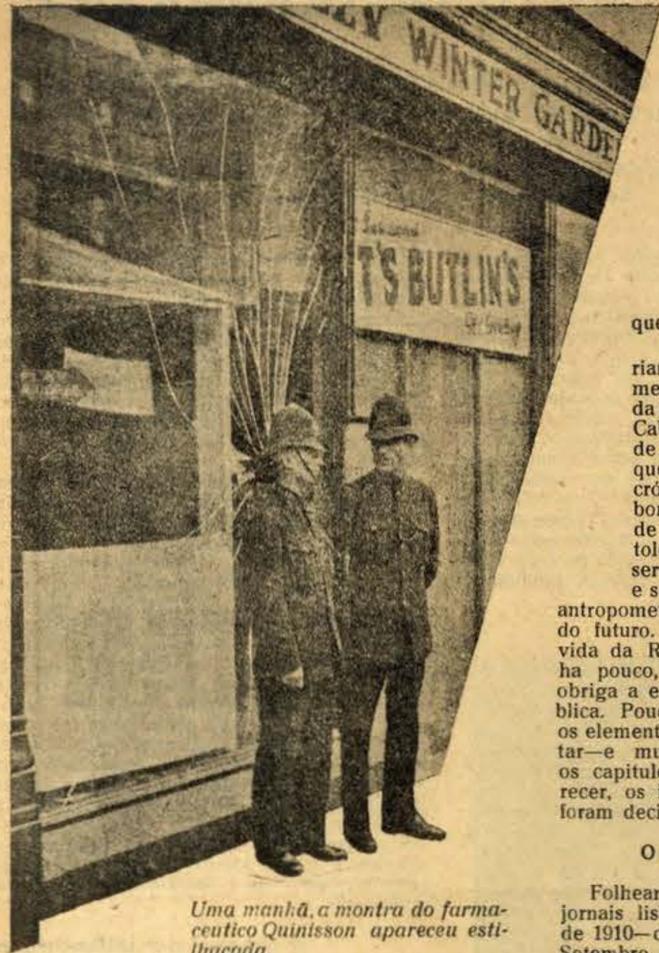


«Os ajudantes do carrasco desmontam a guilhotina, sob a chefia de Mr. Paris — pouco depois de Gorguloff ser destroncado». (Desenho feito ao romper do dia, surplace, para o Petit Journal)

OS MISTERIOS DA REVOLUÇÃO DE 5 DE OUTUBRO

Quem era o estrangeiro que quiz salvar D. Manuel

Falando com o assassino do Dr. Miguel Bombarda. — A morte do Almirante Candido dos Reis. — Crime ou suicidio? — Ainda a noite tragica. — Uma frase do "Dente Douro". — Machado Santos. — Cecil Archer resurge em Londres, em 1932



Uma manhã, a montra do farmaceutico Quinisson apareceu estilhaçada.

suas verdadeiras proporções — aquelas em que ficará eternizado.

«Nunca se pode historiar um grande acontecimento — estando abeirado da sua Recordação» — disse Cabanès. Mas a Revolução de 5 de Outubro nem sequer teve ainda aquelas crónicas expontaneas, embora confusas e recamadas de erros informativos ou toldada de sombras que servem depois de recordatas e seleccionadas, de sistema antropometrico aos historiadores do futuro. E não teve porque a vida da República tem sido, até ha pouco, uma tempestade que obriga a esquecer a propria República. Poucos, pouquissimos são os elementos que nos podem orientar — e muitos — numerosissimos — os capitulos que estão por esclarecer, os enigmas que ainda não foram decifrados.

O estrangeiro enigmático

Folheando, na Biblioteca, os jornais lisboetas do 2.º semestre de 1910 — deparamos, no dia 23 de Setembro, com a seguinte e vulgarissima noticia: «Chegou hontem a Lisboa, a bordo do «Marshall», vindo de Liverpool, o famoso medico inglês, sir Cecil W. Archer.» Devemos confidenciar desde já que este nome não nos surgiu, de surpresa, a meio do nosso exame à imprensa da época. Pelo contrario. O principal objectivo dessa fatigante caçada às sombras distantes, através dos caracteres minusculos dos diários era o de encontrarmos o nome de sir Cecil W. Archer. De 23 a 30 de Setembro, o mesmo nome é repetido com frequencia — em várias secções dos jornais e com os mais opostos pretextos. Contudo, nem uma só dessas informações se salienta ou transborda do mais laconico estilo noticiaria. Por exemplo: em 25, dois dias depois — uma outra gazeta informa que a viagem do famoso medico americano (!) Dr. Cecil W. Archer (aqui perde o sir) está relacionada com a doença do sono das nossas colonias, visto tratar-se de uma competência em enfermidades tropicais — devendo, em breve, conferenciar com o ministro interessado. Nessa mesma noite, outro diário comunica que o Dr. Cecil W. Archer é um dos psiquiatras mais celebres da Europa, devendo avistar-se com o Dr. Miguel Bombarda... Porem nem esta entrevista com o illustre aliadista, nem a conferencia com o ministro se realizou. No dia 30, acompanhado pelo ministro plenipotenciario de um país europeu — que não é Inglaterra — mas a que o informador de As Novidades chama «representante diplomatico da patria do Dr. Archer» (é esta a terceira nacionalidade que lhe oferecem) o famoso medico entra no Palacio Real... Para quê? Que tinha audiencia marcada — acrescenta o repórter — mas não esclarece se era com D. Manuel ou se com a Rainha mãe.

Surge a tragedia de 3 de outubro... Um louco, que estivera internado no Manicomio de Rilhafoles e que regressara dum tratamento



Dr. Miguel Bombarda

no estrangeiro — assassina a tiros de pistola e sem um preambulo, o Dr. Miguel Bombarda. Rabiou logo pela cidade a noticia de que o assassino fora apenas um instrumento inconsciente da nação contra os republicanos — e que a morte de Bombarda era o prologo de uma série de crimes, graças a qual guilhotinariam os cabeças da futura revolução. Tanto bastou para que se precipitassem os acontecimentos. A revolução estalaria naquela noite. Reunem-se os chefes; alguns hesitam, titubeiam prudencia... Almirante Candido dos Reis garante que, mesmo sosinho — sairá para a rua. A sua actitude dissipa duvidas e galvanisa os mais fracos. Redige-se a proclamação revolucionaria.

Havia um traidor — na conjura? Houve algum espia que escutasse o que se passou? Ignora-se! Mas sabe-se, sim, que ao cair da noite o juiz Veiga recebia uma dessas proclamações e era informado de que o maior perigo revolucionario estava na energia e decisão de Almirante Reis. Sabe-se ainda que o juiz Veiga recebeu uma misteriosa visita — e que esse visitante, que procurara ocultar as feições aos proprios esbirros do juiz — seguiu durante algumas horas o almirante. Algumas horas — apenas? Somos obrigados a limitar a revelação ao que, o seu autor declarou. (Entrevista com Marcelino Correia, um dos auxiliares mais intimos do juiz Veiga, realisada pelo jornalista Xavier Monteiro em Maio de 1914).

Ora bem. Nessa mesma noite El-Rei dava um banquete em honra do marechal Hermes, presidente da Republica Brasileira. Alguns diários monarchicos, em dia com a vida palaciana noticiaram a lista dos convidados. Nessa lista não figurava o nome de Dr. Archer. Os reporteres encarregados de redigir a noticia do banquete (noticia que não chegou a ser

publicada mas que a redacção de O Seculo guardou, durante muitos anos, como recordação) incluíram, entre os convivas, o nome do famoso medico, Dr. Archer... A que titulo foi convidado? Qual a razão que levou os chefes do potrocolo a convidarem-no — ou a aceita-lo à ultima hora — quando o seu nome nem sequer estava previsto?

Cecil Archer visita D. Manuel e o juiz Veiga

Dissemos que não foi nos jornais da época que nós travamos conhecimento com o sr. Cecil W. Archer; e logico se torna explicar porquê. De duas historias autenticas de 5 de outubro despunhamos apenas quando iniciamos o estudo de certos episodios esfingicos da revolução — e ambos teem, pelo menos, o valor de serem feitas por testemunhas activas que assistiram e entrevistaram em quasi todos os seus capitulos: a desse extraordinario reporter que foi Hermano Neves e a de Mario Serra — que escapou por milagre, à noite tragica de 19 de Outubro. A primeira saiu ainda sob o ascação dos acontecimentos; a outra foi composta serenamente, dez anos depois (em 1920 — Edições Moreira & Sá — Lisboa) e apesar do formidavel interesse informativo — interesse por vezes sensacional passou quasi despercebida, com gélicas e curtas criticas. Dir-se-hia que houve a preocupação de a abafar.

Das duas obras recolhemos elementos preciosos sobre o misterioso sr. Cecil W. Archer; mas é Mario Serra quem nos apresentou, pela primeira vez, esse nome — revelando o seguinte episodio: «Fui a pé, Aterro fóra, disposto a acercar-me o mais possivel do Palacio Real — visto que faltavam noticias sobre esta zona. Pelo caminho encontrei um grupo de repor-

teres, que me disseram que D. Manuel estava abandonado mas que não saíra ainda. Alguem afirmou que o rei aguardava uma defeza decisiva. Continuei a marcha e já nas visihanças do Palacio ouvi o ruido de um automovel que vinha na mesma direcção. Voltei-me para ver quem vinha dentro. Apesar da grande velocidade em que ia pude constatar que se tratava de um bom carro, levando à frente uma pequena bandeira alemã. Dentro ia um sujeito alourado, com a zola do sobretudo erguida... Quando, após de varias manobras, consegui espereitar o palacio — o automovel estava parado nas proximidades. Pouco depois começava o fogo de bordo e o sujeito louro saindo da real residencia — correu para dentro do carro, que logo partiu... Na noite seguinte — já o rei abandonava a Ericeira — consegui, por um mero acaso identificar esse cavalheiro: tratava-se de um medico estrangeiro que uns diziam americano, outros alemão ou escandinavo e que usava nome inglês — Cecil W. Archer. Chegara, havia pouco tempo, a Lisboa, e fizera-se receber por D. Manuel na vespera da revolução. Uma das poucas testemunhas que assistiram ao que se passou com D. Manuel, durante a revolução, contava depois a um amigo indiscreto que Cecil Archer propoz ao monarca um rapido estrangulamento da revolta — mas em tais coadições que D. Manuel não podesse aceitar.

Mais tarde soube-se que o mesmo misterioso estrangeiro estivera com o assassino de Miguel Bombarda na vespera da tragedia e que, nesse mesmo dia se apresentava ao juiz Veiga fornecendo informações preciosas para a policia e oferecendo-se para abafar a revolução à nascença...»

Eis a razão porque procuramos na imprensa da época referencias ao Dr. Cecil W. Archer...

Como vive e o que diz Aparicio Rebelo — o assassino do Dr. Bombarda

E' verdadeira a insinuação de que Cecil W. Archer se encontrou com o assassino de Miguel Bombarda na vespera do crime? Um jornalista da velha guarda, então em plena actividade — José Cardoso — hoje em legitimo repouso (numa pequena quintarola dos arredores de Lisboa — responde a uma carta nossa sobre este assunto: «Meu caro camarada: Fui eu, de facto, quem tratou no Dia da morte do Dr. Bombarda. Recordo-me que um agente de investigação com quem falei nessa noite e que fora encarregado do caso — (ele apenas iniciou o inquerito, visto que a revolução o obrigou logo a suspende-lo) me disse que o Aparicio Rebelo dos Santos (o louco assassino) estivera não na vespera mas poucas horas antes a passear de carragem com um estrangeiro — e que algum lhe afirmara que esse estrangeiro era medico e que fora quem o tratara lá fóra e o considerara curado. E' tudo quanto posso fornecer à sua curiosidade. Serve? Seu amigo etc. José Cardoso. Ha dois anos, Artur Inez, um dos reporte-



A revolução de 31 de Janeiro; o unico exemplar que existe da proclamação revolucionaria que apareceu meia queimada

res modernos mais vivos e brilhantes lembrou-nos uma entrevista com Aparicio Rebelo dos Santos, visto que o matador de Bombarda continuava internado no Manicomio onde entrou, para vinte e dois anos, logo que se provou a sua irresponsabilidade. Infelizmente naquele momento não nos foi possivel aproveitar tão oportuna reportagem. Mas um dedicado amigo deste semanario, usando de facilidades pessoais, informa-nos sobre o estado desse desgraçado e revela-nos um episodio mui eloquente...

Eis o que ele nos escreveu: «Aparicio Rebelo deve orçar actualmente pelos sessenta, mas ha muito que os aparenta. Tem a magreza dos loucos de longa data — esqueletica, affliva. O olhar que era vivo, está estagnado, no fundo das orbitas — sem outra luz alem da que lhe dá a febre. Solitario, macambuzio, pouco comunicativo — é surpreendido muitas vezes gesticulando e falando sosinho — aqueitando-se e calando-se, mal nota que o observam. Uma vez — ha cousa de três anos, um



Machado dos Santos

(Continua na pág. 11)

Galeria dos Homens Honrados

O procurador especialista em divorciadas

CADA mortal cumpre o seu fadario e eu tenho que cumprir o meu. Recordo esta anedota atribuida ao Conde de Santa Maria. Este caluniadissimo fidalgo tinha sido expulso de certo palacio porque, num jacto da sua sinceridade plebeia, deixara escapar um vocabulo hostil ao pudor das filhas ofelianas do dono da casa; e conseguindo regressar a esse palacio, depois de prometer acautelar-se com a linguagem; e tendo as filhas da dona da casa dirigido uma pergunta cuja a inevitavel resposta, através do temperamento do conde, só podia ser a mesma palavra já castigada — enguliu em seco e apressadamente pediu o chapéu e o bastão — porque — disse à saida — já sei que ia ser expulso outra vez... Seja como for — cumpre-se o destino. Tive já uma «Galeria de Monstros» onde os exhibia, um por um, o que me valeu, entre outras represalias, o seguinte dilema: ou perder todas as minhas situações jornalisticas daquela época — com os respectivos ordenados — ou... ou desmentir-me publicamente da verdade que proclamava e que depois provei, pelo sistema do 2+2 são 4... Talvez por me lembrar das consequências dessa minha ousadia — agora mudo o titulo da secção — substituindo a palavra monstro... por Homens Honrados... E mesmo assim (e agora com mais razão) — eles são capazes de me perseguirem...

Ha tempos este jornal insinuou um drama occulto e tremendo, heroi-

(Continua na pág. 13)



Uma aldeia africana em pleno Parque Eduardo VII

As surpresas do atavismo da raça

Exibição de selvagens — Os antropófagos do Circo Barnun — O Dr. S..., o médico negro que voltou para o sertão

Para que os visitantes da Exposição Industrial tivessem também uma visão clara do nosso Império Ultramarino—vieram várias amostras... humanas duma das colônias: um príncipe, alguns sobas, alguns artistas e uma ranchada de famílias... Desembarcaram em Lisboa, e após as visitas oficiais começaram logo a construção de uma aldeia autenticamente africana—colando assim a sccrografia do Parque Eduardo VII o mais pitoresco postal ilustrado da Exposição... Quando os reporteres lhes perguntaram se estavam satisfeitos com a hospedagem dispensada— todos eles, do príncipe ao último plebeu, se lamentaram de um unico encomodo o unico, mas allitivo: a pasmaceira embirrento, vexatoria, encazinada com que os civilizados brancos os teem perseguido...

Este legitimo protesto recorda uma das páginas mais ironicas de certo escritor inglez. Um príncipe africano, senhor absoluto de uma imensa região e de alguns milhões de subditos, sentiu um dia, em pleno século XIX e através da sua completa ignorancia sobre as civilizações europeias, a mesma ansia de aventuras, viagens e descobertas maravilhosas que lançou os portugueses do século XIV e XV à epopeia dos mares virgens... Unindo-se a dois corajosos moços, construiu um barco exótico mas resistente e após longos mezes de torturas e surpresas, de descricns e teimas heroicas,—conseguiram entrar no Tamisa e desembarcar em Londres—tal como vinham: de tanga, penas policromas, espetadas na carapinha, e argolas nas orelhas e narinas. E como os navegadores do passado fizeram com os negros— eles quiseram cativar a simpatia daquele povo desconhecido. As' primeiras horas tudo correu bem. O príncipe e seus auxiliares destruíam pequenas pedras que, para eles pouco valiam—mas que os brancos, reconhecendo logo diamantes e safiras preciosas, começaram a cubiçar com a mesma voracidade do selvagem a quem mostram bugigangas europeias. Ao cair da noite, um grupo de vadios arrasta-os para a taberna e após alguns copos de gin tenta apas-sar-se do tesouro dos negros... Estes resistem ferosamente—mas eis que o príncipe recebe uma facada em pleno peito e cai, a eacular sangue. Fogem os rapinantes e os dois companheiros do morto levam-no entre guinchos de dôr, para a sua exótica embarcação— regressando apressadamente à sua terra; e uma vez lá, ergueram-lhe um túmulo pomposo onde se lia o seguinte: «Aqui jaz o sábio e audacioso príncipe Jesué, grande descobridor do século XIX—morto em Londres, assassinado pelas selvagens brancos».

E' sempre de gradde efeito, para a curiosidade popular estas exhibições humanas. A nota de maior atração da Exposição Colonial de Paris foi a dos acampamentos das varias colônias africanas, das aldeias indo-chinezes e de outros protetorados asiáticos, misescenadas como para um film e habitadas por numerosas famílias negras e amarelas, num total de 2.500 individuos de ambos os sexos vindos expressamente com esse fito. Julgam os europeus, na basofia de super civilizados, que deslumbram esses pobres seres primitivos ou de caducas civilizações, com o brilho da nossa civilização. Erro absoluto! Nas ultimas semanas da Exposição de Vincennes foi necessário vigiar de perto essas amostras

humanas porque apesar de viverem num ambiente quasi proprio, varios senegaleses e tonkineses se evadiram das luzes e das sumptuosidades que os cercavam, indo alguns a pé, até Marselha, onde, ocultando o motivo que os trouxera à França e molavam dos comandantes dos barcos uma viagem de regresso ás suas terras. Exemplo de grande eloquencia a do general

Rondon—que Ferreira de Castro cita na sua magistral obra *A Selva*. Rondon, que é um fanatico da paz e do bem, organizou varias expedições pacificas, com o unico objectivo de civilisar os indios do Amazonas e outros estados que vivem ainda como quando os portugueses descobriram o Brasil. Mas conseguiu; e uma vez, sympathizando com um jovem pele-vermelha de 16 anos, e advinhando no seu espirito certa plasticidade para a moldagem civilisadora, tirou-o à tiibu e trouxe-o consigo. Durante cinco anos, o indio mostrou-se totalmente adaptado à civilização, não havendo, na apparencia das suas atitudes, um só vestigio do selvagem primitivo que fora até aos 16 anos. Confiavam nele como no melhor dos sargentos da expedição—visio que ostentava já as divisas de sargento. Um dia, ao aproximar-se a missao da terra onde acampava a sua tribu, desertou—mas não sem primeiro assassinar e escarpelisar seis ou sete seus companheiros brancos—assassinando-os sem causa, sem pretexto sem objectivo, apenas por atavismo da raça...

Barnun, o rei dos music-halls, e dos circos, o empresário mais famoso do mundo, não sabendo já que exhibir na sua celebre *Galeria de Raridades*—mulheres barbudas, mulheres bolas, mulheres-electricas, homens-mumias, gigantes, liliputianos, vacas de quatro-cabeças e todos os monstros—resolveu enviar alguém à Africa que lhe trouxesse um grupo de autenticos antropófagos. Os antropófagos vieram chancelados por uma documentação superior e ilustrados por uma série de caveiras ossuras arrancadas da neza do seu ultimo banquete em cujo menù, segundo os cartazes, figuravam alguns guerreiros inimigos e um explorador inglez. (Barnun não era homem que se preocupasse com ninharias...) Contudo a exhibição não resultou o que o empresário visionava. A frequencia não aumentou de forma a recompensar as despesas feitas. Eis quando Filipe Marcel, o cronista de Barnun



Bastava que um dos antropófagos de Barnun fitasse de certo modo os espectadores—para estes debandarem horrorizados.

(Barnun teve de tudo—até cronista que o eternizou) entre abre nas suas memorias um parên esis em que a custo contem o riso da sua prosa... *serissima*... Uma noite, estando a «Galeria» em Filadelfia, houve um espectador que se demorou... Na manhã seguinte, apresentou-se no comandante da policia uma mulher que se disse sua esposa e dois individuos que afirmavam te-lo acompanhado até à galeria, queixando-se os tres do desaparecimento do tal espectador. O boato de que os antropófagos de Barnun tinham raptado, assassinado, cozinhado e «papado» um cidadão americano e correu rapido, em Filadelfia; e a noticia de que a vitrine das ossuras fora enriquecida com mais uma caveira e um esqueleto veio logo agravar esse boato. Filipe Marcel dá nitidamente que se tratava de um *truc* reclame e que o tal cidadão recebeu boa maquia de Barnun para se ocultar uns dias em poiso desconhecido. Seja como for—as enchentes transbordantes começaram a recompensar o famoso empresário das despesas feitas. Mas, a partir de então, mal um dos negros, do alto da sua barraca, se fixava demasiado num grupo—o grupo debandava em correria... Não fosse o diabo...

Um ultimo episódio sobre o atavismo da raça. O autor destas linhas foi aluno do Colegio Francês, de Lisboa, de 1606 a 1907... Teve, entre outros condiscipulos, (e evoca o testemunho de Antonio Ferro) um negro, Savedra (Xavier Savedra, se não está em erro) filho dum soba e enviado à metrópole a educar por um admeistrador que o apadrinhara. Havia na escola uma numerosa turma africana mas entre todos destacava-se, pela sua europeanização, o Savedra. Bonito moço, inteligente, elegante, demasiado atento às modas, em dia com os autores e obras, frequentando teatros nas ferias—e discutindo temas no regresso; assinando jornais estrangeiros e marcando

«Conclue na página 14»

OS MISTÉRIOS DA REVOLUÇÃO DE 5 DE OUTUBRO

Quem era o estrangeiro que quiz salvar D. Manuel

(Conclusão)

outro doente considerado «louco-lucido» tentou entabular dialogo com ele — sendo escutado por um enfermeiro que m'o reproduziu: — «Mas afinal foi V. quem matou o homem? — quiz saber o outro «louco» — E ele desabafando, pela primeira vez, soube a causa do seu crime, fez-se mais pálido ainda, e respondeu numa tirada precipitada, nervosa, sacudida: «Eu entrei nesta casa com saude e foi ele, com as suas malditas injeções que me ia fazendo perder o juizo para sempre. Queria... convinha-lhe que eu enlouquecesse... estava feito com os outros... Quem me salvou foi um amigo um bom amigo e um grande medico americano...» — «E quem era? indagou o outro» — «O assassino de Bombarda balbuciou as primeiras silabas de uma palavra que logo abafou — estremeçando, de narinas dilatadas e as pupilas mortas a faiscarem. O outro, insistiui; e foi ele, enfiado, respondeu: «Já me esqueci do seu nome!» — E como o companheiro inquirisse com a ironia superioridade dos loucos que falam com outros loucos, porque razão o tal medico americano não viera em tantos anos, trata-lo e cura-lo de novo — cortou o dialogo com as seguintes frases: «Ah! Você também se deixou burlar por esses...? Também cre que eu estou louco? Eles preferem que eu esteja aqui — porque, se me julgassem eu contava tudo — as injeções e o resto! E se o meu amigo não vem ver-me foi porque não o deixaram! Tenho a certeza. Ele sabia que eu procedi com justiça!»

«Calou-se — e já não respondeu mais; mas se outros motivos não existisse para comprovar o desequilíbrio deste infeliz alienado basta dizer-lhe que, terminado o dialogo, começou a rir, a rir às gargalhadas e indo ter com o enfermeiro que os escutava — segredou-lhe ao ouvido: «Aquele (aquele era o outro louco) está convencido que fui eu quem matou o Dr. Bombarda. Aquele é que já nem tem cura, coitado! Esqueceu-se que foi ele.»

O misterio do suicidio do Almirante

Que Almirante Reis se sabia vigiado desde a noite de 3 — não resta duvidas! Conclue-se facilmente este detalhe lendo-se o livro de Hermano Neves. Quando ele saiu de casa de uma irmã, foi primeiro espreitar a rua através das cortinas da sua janela e cochichou para alguém que estava ao seu lado: «Lá está o esbirro! Se estou à espera que ele abandone a preza nunca mais posso agir!» Essa pessoa de sua familia que estava ao seu lado, espreitou também e viu um *sugeito loiro, extrangeirado*, de gola de sobretudo levantada, chapéu desabado — encolhido num portal fronteiro. O episodio foi-nos gravado por quem o ouviu da boca desse parente do almirante — o capitão Alvaro Dias, actualmente em Lourenço Marques.

Numa participação official referente ao suicidio do almirante — lê-se os seguintes porme-

nores: «A primeira pessoa que me avisou que havia um homem morto, no Largo, foi o empregado duma mercearia da Avenida D. Amelia — Urbano Costa —; interrogado sobre o que sabia declarou que ouviu um tiro — mas como o tiroteio era quasi continuo não se teria alarmado se não tivesse tido a impressão que aquele fora disparado muito perto. Foi, ao querer fugir, que foi dar com o cadaver. Perguntando-lhe se não vira mais ninguem nas proximidades — lembrou-se de se ter cruzado com um *sugeito loiro, de gola levantada*, que vinha, correndo também, em sentido contrario; e que acrescentou que esse *sugeito* devia ter sido o primeiro a ver o cadaver posto que o encontro se desse logo a seguir à detonação e que o outro vinha do largo.»

A hipotese de que o Almirante tivesse sido vítima dum crime parece reprovada por varias razões irrefutaveis — sobretudo pela opinião dos legistas que o autopsiaram. Isso não impede que a presença no local do misterioso individuo — que o seguia desde vespera — (Cecil W. Archer?) pareça provada também. Sabe Deus até que ponto essa perseguição e essa presença teriam influido na desesperada resolução do almirante.

A proclamação de 31 de Janeiro

Ha já alguns meses que andamos na peugada de quem tivesse conhecido em Lisboa o Dr. Cecil W. Archer. Ha poucos dias apenas, encontrando-nos no Porto alguém que conhecia os pontos cardeais desta reportagem — apresentou-nos, num café da Avenida dos Aliados, ao Dr. Angelo d'Almeida, filho dum dos revolucionarios de 31 de Janeiro — Ricardo d'Almeida — já falecido.

«— De facto esse nome não me é completamente desconhecido! — confessou-nos aquele jovem e illustre advogado. — Do que me recordo, apezar da minha pouca idade então — tenho trinta e dois anos e portanto, em Setembro de 1910 contava apenas dez anos — é um episodio que muito impressionou meu pobre pai e que gira em redor dum *medico estrangeiro* — alemão ou suizo ou americano, não sei bem. Foi poucos dias antes da revolução. O tal medico, que trazia uma carta de recomendação de meu tio que vivia em Lisboa, visitou-nos na nossa antiga casa de Cedofeita. Declarou que viera expressamente ao Porto para conferenciar com um medico tripeiro — e que sabendo que meu pai era amigo desse medico lhe pedia que o apresentasse e lhe preparasse um encontro. Não explicou os objectivos dessa conferencia — mas meu pai prontificou-se a servi-lo. Ao primeiro pretexto, recordou que meu tio lhe dissera que o irmão entrara na revolução de 31 de Janeiro e que reunia em casa um pequeno museu de recordações. Ora era esse precisamente o ponto fraco de meu pai... Quiz logo exhibir as tais recordações — entre as quais figurava um dos rarissimos

exemplares da proclamação revolucionaria, escapadas ao auto de fé da derrota — que era o seu maior orgulho. Subito, o tal medico, interrompeu a conversa e partiu com a explicação de que ficara de estar no hotel a x horas... Já no corredor — notou que se esquecera das luvas ou fosse do que fosse — e não dando tempo a meu pai acompanhá-lo, voltou à sala, reaparecendo pouco depois. Mal se fechou a porta da rua a minha mãe alarmou-se com cheiro a papel queimado. Corremos para a sala e vimos de facto varios papeis que ardião entre os quais... a preciosa proclamação da qual apenas se salvou um pobre trecho e parte do cabecalho... Nem meu pai nem o medico fumara durante a entrevista. Como ardera a papelada? Era impossivel não pensarmos que fora elle quem lhe deitasse fogo — na sua rapida volta à sala; e esta suposição agravou-se porque o medico não tornou a apparecer-nos para ser apresentado ao seu colega portuense e sobretudo quando meu tio afirmou que nunca recomendara — nem conhecera sequer — o tal cavalheiro...»

O assaltante de farmacias

No mesmo numero do «Daily Graphic» de Londres que anunciava, num longo e miú ilustrado artigo, o inesperado e — iam a dizer *intrigante* — falecimento de D. Manuel de Bragança — lia-se, na secção dos *fait-divers* a seguinte noticia: «O commissariado de Richmond foi avisado, hontem pela manhã, que as duas principais farmacias locais — a de *Quinnison* e a *Fred-Lee* tinham sofrido, durante a noite, um ataque inexplicavel. O assaltante quebrou os vidros das montras limitando-se a furtar alguns utensilios cirurgicos e alguns frascos e caixas de especialidades farmaceuticas. A proeza tinha todo o aspecto dum alucinado. Os detectives, depois de ouvirem algumas testemunhas, encontraram rapidamente a pista do assaltante que deve ser um individuo estrangeiro, antigo chefe de uma agencia de policia particular; que em 1914 foi condenado por se intitular medico, e que ultimamente reside em Richmond. Parece que as suas faculdades mentais sofrem, ha tempos, de uma grave perturbação. Ainda não foi preso.»

A noticia era ilustrada pela foto de uma das farmacias assaltadas — foto que reproduzimos.

Coincidencia? Em Richmond vivia D. Manuel de Bragança. D. Manuel de Bragança succumbiu precisamente porque não foi possivel encontrar a tempo os utensilios cirurgicos que podiam evitar a asfixia. E qual a missao deste enigmatico Archer — na vida portuguesa dos ultimos 22 anos? Um maniaco tragico? Um criminoso maquiavelico? Não sabemos nem talvez se saiba nunca!

R. X.

MEDICINA DENTARIA

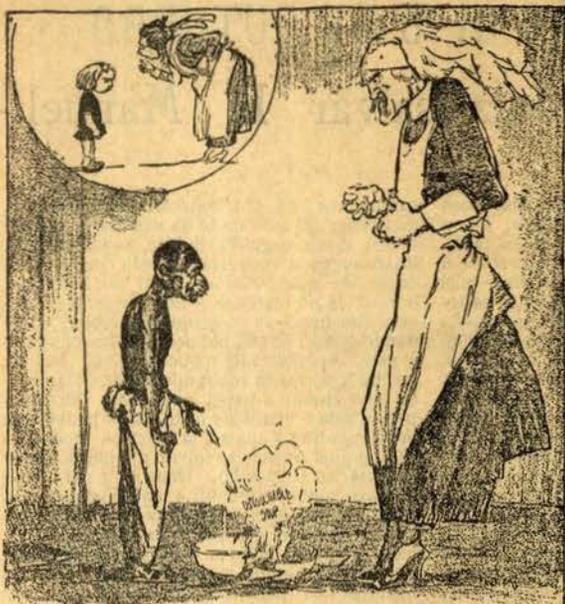
Dr. Frazão Nazaret

Diplomado pela faculdade de medicina do Porto

Rua Sá da Bandeira (Esquina de Fernandes Tomás)

PORTO

Este numero foi
visado pela
Comissão de Censura



(Em cima): o bebê para a ama.—Se não me deixa brincar ao pé não como as pápas.

Bebe Gandhi para a ama Mac-Donald. «Se não fazem o que eu peço, não como as pápas.» (Do «Daily Mail».)

É MUITO possível que à hora em que as máquinas golfaem para a rua este jornal, Gandhi tenha sido hospedado de novo num desses «Palácios Penitenciários» que os ingleses usam, como paradoxal cortesia para com os seus adversários influentes. É muito possível que Gandhi tenha regressado à *dieta-chantage* que já lhe serviu de gazua. Mas faça ele os sacrifícios que fizer—que nunca conseguirá ser um mártir para a nossa sensibilidade ocidental. Teremos sempre a visão dum fakir que poz os segredos da magia asiática ao serviço da causa—ou... de sua inconfessada ambição; e as torturas da fome voluntária ou o heroísmo de oferecer o seu peito, descarnado e o concavo, às balas da policia, apenas nos impressionam como se o vissemos no *music-hall* atravessando a língua com longos alfinetes ou ingerindo labaredas de petróleo. Os seus golpes, mesmo quando admiráveis, tem muito de ilusionismo e pouca grandeza. O empastelamento das suas feições não traduz nem nos deixa acreditar nas dores da sua carne nem nas angustias da sua alma. Ora o sofrimento precisa de ser eloquente—para comover as multidões.

Mas a verdade é que a *greve da fome* põe sempre em vibração a piedade popular. Resta averiguar, imparcialmente se esses jejuns voluntários são, de facto, o que a fantasia sentimental das gentes diagnosticou, desde que o Lord Maior de Cork fez a experiência da *greve da fome*.

Primeiro: quanto tempo pode resistir o organismo humano o uma abstinência total da alimentação? O Lord Maior de Cork aguentou perto de noventa dias. Mas anos depois (em 1927) a enfermeira que cuidou daquele mártir—jejuador—fazia, no órgão de Lloyd George insinuações de que se havia misturado doses mínimas nas colheres d'água, sem ele saber; e que no último período da sua horrível agonia, quando o mártir-jejuador não podia reagir, lhe aumentaram essas doses, aplicando-as em clysteres. Mas essas insinuações não merecem o menor crédito.

A verdade científica—se existe uma...—está nas declarações do Dr. Reginald Osborne, médico dos presídios de Chicago, onde o anarquista Dazzo succumbiu ao cabo de vinte e oito dias de jejum e o seu camarada Rosetti apenas resistiu uma semana, abdicando, sofrega-

mente, sobre uma travessa de bifés. Diz aquele clínico: (É um erro ridículo estabelecer dogmas sobre este assunto. Não é preciso ser médico, nem ter assistido, como eu, a oito *greves da fome* para compreender que a resistência pode ser inversivelmente longa ou curtíssima segundo as condições do organismo. Em média, um homem de trinta anos (a idade influe e não são os mais jovens os que melhor resistem) vive até vinte dias sem ingerir qualquer alimento. Existem prazos muito menores—e a um greveista de 33 dias assisti eu. O sofrimento dum jejuador divide-se em três *étapes*: Nos primeiros 5 ou 6 dias—é a angustia moral superior à física, a angustia da *fome*, semelhante à da sede: depois a *fome*, a observar de comer começa a desvanecer-se até se extinguir, até ao extremo da repugnância pela alimentação—agravando-se as dores físicas—dores de estômago, de cabeça sobretudo; por último, é o período mais torturante—aquele em que o organismo começa a gastar-se a si próprio que depois de queimadas todas as reservas, entra na dilaceração produzindo dores horribes, sim, mas inferiores à agonia da lenta extensão de todas as forças. O heroísmo dos greveistas está no primeiro período—porque a *fome* é imperiosa, o estômago exige-lhes alimentação e eles tem de fazer um esforço sobre humano para negarem a comida que lhe oferecem, tentando-os com manjares apetitosos. No segundo período—o heroísmo desaparece porque já dão tem vontade de comer e porque o instinto lhes segredam que o seu sofrimento não se acalmaria com qualquer alimento. Na terceira *étape*—perderam toda a consciência e se resistem ainda é pela repugnância que sentem e pelo mecanismo da vontade. Fácil é salvar o jejuador, nos primeiros 5 dias; depois... também se salva—mas fica quasi sempre estigmatizado; no último período—é impossível. Se ao cebo de 8 ou 9 dias—lhe dermos um simples prato de sopa—caíria fulminado. É preciso reeducar o organismo com toda a cautela. Portanto a ideia do heroísmo que eles provocam—não é completamente justa. Só o seu martírio é verdadeiro—porque sofrem horrores inquisitoriais.

Muitos individuos habituam o organismo a longos jejuns, sem que a morte venha rematar as suas experiências. São os que *vivem de jejuar*. O mais célebre foi o famoso *Papuss* que, dizia ele nos seus cartazes, aprendera toda a misteriosa ciência dos fakires. A última vez que o vi, foi num salão de Avenida, em Lisboa, onde ele se engarrafara num enorme, frasco de vidro, enrolhado, lacrado, selado, vigiado, noite e dia, pelo público—estando assim uma semana sem se sentar, nem comer, ou beber. *Papuss* morreu há cinco anos, em Paris... duma indigestão!

O record dos jejuadores foi alcançado pelo russo Sandorf; vinte e cinco dias enjaulado

A greve de Gandhi

A martiriologia dos jejuadores e os que vivem de jejuar

De Lord Maior Cork ao anarquista Dazzo.—De *Papuss* ao russo *Ipitceff*.—O fakirismo de Gandhi.—A verdade científica sobre o heroísmo e sofrimento dos «grevistas da fome».—Quanto tempo se resiste à fome?—Os jejuadores profissionais e os trapaceiros.—A tragédia de Glasgow.

num caixão. Mas Sandorf abandonou a carreira após uma scena cruel. Estava ele *enterado* no *hall* no «Petit Journal», em Paris, e havia já doze dias que jejuava, quando, a meio da madrugada, um grupo de estroinas, vindo de Montmartre, cercou o caixão e começou a comer doces e petiscos e a beber *champagne* e a oferecer-lhe, em altos gritos, participação no banquete... No auge do desespero ante a a crueldade daqueles vandalas, Sandorf quebrou o tampo de vidro e saltando para o *hall*, socou os provocadores... e perdeu a aposta.

Existem também os falsos jejuadores—que se alimentam graças a um tubo de borracha oculto num dos ângulos do caixão, tendo uma extremidade ao alcance da boca do *artista* (?) e a outra fora do recinto—sendo o leite expellido por meio dum aparelho especial. Há pouco tempo *The People* contava o seguinte episódio: percorria a Inglaterra um jejuador célebre—também russo—*Ipitoeff*—e as suas abstinências, durante períodos inverosímeis rendiam-lhe fortunas. Uma vez, em Glasgow, terminando um longo jejum, os ajudantes de *Ipitoeff* desenterraram o ataudé e levaram-no para os *bastidores*, entre aplausos da multidão que enchia a sala. O jejuador exhibe-se somnolento, imóvel, indiferente, como esgotado de forças. Uma vez fora dos olhares indiscretos, os ajudantes, cercaram *Ipitoeff* de que podia levantar-se visto que a coomédia era... *finita*. Mas, com grande surpresa sua—o jejuador não se moveu. Estava morto—morto de fome. O tubo por onde lhe expeliam o leite estava rasgado nalguns pontos, derramando todo o liquido antes de chegar à boca do jejuador...



O ajudante aviza-o mas *Ipitoeff* não se moveu



A EPIDEMIA MUNDIAL DOS AL-CAPONES...

O banditismo trágico em Londres, Paris, Berlim, Roma e...

O assassinato do chefe da polícia e dum detective de Buenos Ayres. — O bando internacional que se preparava para agir no nosso paiz

Outro dia Jean Lecoq do "Petit Journal" somava em cento e muitas, as obras que, dentro e fora da America, se publicaram Sobre Al-Capone e a sua alta escola de banditismo. Eucomentando essa torrente publicitaria, disse: «A America quer impor ao mundo todos os seus productos até os menos lisongeiros, como é esse estilizado facinora que dominou Chicago e Washington.

É uma verdade lamentavel, assustadora, mas uma verdade.

Na Europa, temos a quadrilha do Juck Black, em Londres que ainda há poucos dias assaltou o posto policial de Wine Street para libertar um socio preso; o bando polaco n.º 2, em Paris, mil vezes mais tenebroso do que o n.º 1 a que pertencem, diz-se, altos financeiros, antigos aristocratas e dois... compatriotas nossos; e cuja ultima proeza, mixto de Bonot e de Dramond, modernisada... à Wallace (o assalto à central do Crédit National) alarmou a França inteira;—e isto, sem falar das façanhas «cine-roman» que, no curto espaço dum mez, horrorizaram Roma, Berlim, Bruxelas, Viena, Budapest, Varzovia, Bucarest e até as pacatissimas Copenhague e Berne. O proprio Rei Boris da Bulgaria, que tão energicamente se tem defendido dos ataques cumunistas e anarquistas—viu-se enredado numa *chantage* do mais perfeito sistema—Chicago em que o dilema era—ou perder uma pequena fortuna

ou... a tranquillidade do seu lar... E o rei Borias, conta «Macedoine», o órgão dos exilados macedonios que se edita na Suissa, depois de ter sacrificado inutilmente a vida de alguns policias que sitiaram um dos covis dos criminosos—acabou por... pagar e não reateou!

Isto na Europa. No proprio continente americano os Al-Caponesinhos multiplicam-se como os Rodolfos Valentinicos de soirée e de chas elegantes, entre os Cinefilos, quando Rodolfo estava em moda. Em Havana, no Mexico, em Caracas... De Buenos Ayres, por exemplo, chega-nos a seguinte noticia—levemente tocada pelos telegramas dos diarios. A capital argentina estava vendo amiudarem-se os assaltos aos bancos, joalharías e grandes hotéis—assaltos que deixavam sempre um forte rasto de sangue e em que os assaltantes, usando até de metralhadoras, não poupavam nunca a vida a quem tentasse opôr-se-lhes ou perseguil-os. O debito de victimas tornara-se assustador—e o Commissario Geral da Policia encarregou o jovem capitão Dario Valdez, Chefe da Policia de Segurança, de empreender uma ofensiva sem treguas contra os bandidos. Ajudado por um dos melhores detectives argentinos—Andres Belda—o capitão iniciou entusiasticamente as investigações e ao cabo de duas semanas de um trabalho exaustivo fechava o circulo de ferro a

O assalto a um «restaurant» pelos emi-tadores de Al-Capone em Buenos Ayres, onde morreu o Capitão Valdez, chefe da policia, um criado e gravemente ferido o detective Belda. Reconstituição feita pelos reporteres da revista argentina «E! Hogar» Em baixo o Capitão Valdez

onde a quadrilha devia cair. Era ela composta por cadastrados de todos os generos, fugidos de todos os paizes e pertencentes a várias classes (havia entre eles, um medico e dois engenheiros fracassados) e capitaneado por um chileno que residira muitos anos em Chicago—um tal Salmon Capri.

Tendo empregado todos os recurs os policias para dar o golpe final na manhã seguinte; e esfaldados por um longo, esgotante e ininterrupto trabalho de noite e de dia—o capitão e o seu auxiliar civil rezolveram, ao principio da madrugada, ir ceiar a um modesto *restaurant* do bairro onde se encontravam. Desde manhã que, por escassez do tempo, não se alimentavam—e era natural que saboreassem com prazer aquela refeição nocturna. Subito a sala, quasi deserta áquella hora, é invadida por cinco individuos, trajados até ao janotismo, de golas erguidas e pistolas engatilhadas—e enquanto um sexto facinora, tiroteava, à porta, os que tentavam

(Conclue na página 14)

A PROPOSITO DA PRISÃO DE HENNIES

(Conclusão da página 5)

tegoria e cujo campo d'ação era mais vasto que a própria Europa—Kanger, o Rei dos Fosforos. A parte deste ultimo—sob todos eles (cujas existencias são copias feitas umas das outras) pesa a suspeita de missão secreta, a favor de um grande país beligerante, durante a guerra. Oliver, Wieth e Steffann, após os escandalos de Budapest em 1926, de Varzovia, pouco depois e de Sofia, ha cinco ou seis annos—sommel-se, apagou-se e os policas de todos os países confessam-se impotentes para lhes darem caça. Gozam alguns annos de inverosimil impunidade. Pois bem: no mês de Julho, a policia de Hamburgo, descobre e prende Oliver que *viera, pouco antes no Mexico*; no mesmo mez a policia da fronteira germano-dinamarquesa prende Wieth que após *longa ausencia* (?)—voltava à Alemanha com passaporte... falso—pudera! em agosto, a policia de Berlim prende Steffann—que *desembarcara, poucos mezes antes, vindo da Argentina*; em Setembro, a mesma policia prende Hennies—que *regressara tambem da America*... Antes dessas prisões, Krugger, o Rei dos Fosforos, que dir-se-hia executante tambem duma extranha missão e suicida-se!

Um detalhe: de Wilth e de Steffann não sabemos quem os denunciou. Oliver—dizia *Tagé Zeitung* de 16 de Julho—fora denunciado por um *inigmatico casal* que vendera o seu segredo à legação da Hungria, em Berlim...

R. X.

A propósito de Gorguloff

Conclusão da página 7

facto ou lenda histórica de que as faces de Maria Antonieta se escarlataram quando o carrasco, erguendo a magestosa cabeça da rainha a esbofetou, julgando assim lisongear a multidão—tentou—ou deve ter tentado...—a seguinte experiência. Na manhã em que um apache famoso—«Marcel Le Beau» devia ser executado, pediu para lhe falar a sós e segredou-lhe o seguinte: «Possuo a forma de unir a sua cabeça ao corpo, de o salvar, em suma—e vou fazer a primeira experiência consigo—porque tenho a certeza de que a morte do guilhotinado não é instantânea e que tenho tempo para realizar a operação cujo segredo só eu disponho. Para isso é indispensável que você pestaneje, mal a cabeça caia no cesto—para me certificar que a minha hipótese não é falsa». Ignoramos qual o grau de estupidez do apache—mas não nos custa a acreditar que embora vendo-se perdido, a dois minutos do patíbulo, se agarrasse à mais inverosimil das esperanças de salvação. O Dr. Xenez, que obtivera licenças especiais, estava junto ao cesto, quando a cabeça rodou da guilhotina; e aquele médico para que os olhos do apache se movessem nas órbitas, tentou num supremo esforço trocar o sinal combinado...

O Dr. Xenez publicou um livro com as mais berrantes memoriais que um medico pode lançar à publicidade; fala, nesse livro, de vários aspectos da morte pela guilhotina—mas não se refere a esta macabra experiencia. Em compensação, um Austriaco cujo nome não nos recorda de momento, construiu, sobre este episodio, um longo trabalho, audaz para além do inverosimil, em que, fazendo das ipotesies de Xenez, verdades indiscutíveis, profetisa, com o maior interesse deste mundo, a possibilidade de se unir a cabeça do corpo do

degolado. Esta obra, que não é um romance mas que tem, sim, pretensões de alto estudo, foi publicado em folhetins, nos primeiros numeros, do diario *A Vitoria* que Hermanos Neves e Herculano Neves, fundaram e dirigiram, em Lisboa, logo após a guerra.

A nossa opinião? Ou, meus amigos...—deem-nos vocês, primeiro a vossa...

GALERIA DOS HOMENS HONRADOS

(Conclusão da página 9)

ficado por um *honrado* procurador da cidade do Porto. Vamos detalha-lo. A filha de um autentico titular (e dissemos *autentico*, porque existe em Lisboa um falso visconde do mesmo titulo, com cadastro na policia) que, casou, dotada com uma pequena fortuna que se dilatou com a do marido e graças à administração deste. Divorciando-se, jovem ainda, mas com uma ranchada de filhos, buscou auxilio de um *tecnico*—de um procurador—que a defendesse daqueles que podiam abusar da sua inexperiencia da sua fraqueza de mulher. O procurador escolhido, habil e insinuante, usou de todos os recursos para fazer de sua cliente sua noiva; e de noiva—sua amante sob promessa de casamento *sendo ele casado*. A ranchada dos filhos aumentou, pouco a pouco a fortuna foi passando das mãos da divorciada para as do sedutor. E à medida que este enriquecia e afofava, com comodidade e prazeres de milionario, o bem-estar da sua familia legitima e sobretudo o *proprio*—a pobre divorciada e os filhos do primeira matrimonio—e os outros—iam descendo no horrivel abismo da miseria até caírem quasi na indigencia em que estão ainda. E aí! deles—da mãe e dos filhos—se insinuassem sequer essa queixa: ele dominava-os—e domina-os—como um carrasco—como um carcereiro...

E este individuo que meio Porto conhece, é considerado um *homem honrado*, duma imoralidade impecavel! Por isso é que veio para esta galeria, em n.º 1 o que não impede que voltemos a fotografá-lo.

R. X.

As surpresas do ativismo da raça

(Conclusão da página 10)

pela sua applicação aos estudos. Sobemos pouco depois de sairmos da escola que ele se formou em medicina, defendendo brilhantemente a sua tese. Uma tarde, no Rocio, já ele exercia clinica na capital, disse-nos: Vou descansar uns mezes à Africa. Matar saudades apenas. Voltou breve. E nunca mais voltou. E outra tarde, cinco ou seis annos depois um outro discipulo, que, num café do Chiado, nos confidencia a sua odissia pelo interior de Angola, disparou-nos, à queima roupa: «Sabem vocês quem eu vi—mas vi de tanga, argolas nas orelhas e nas narinas, e penas na carapinha? Mas vi-o no meio duma Tribu, exercendo as suas quasi régias funções de regulo, casado com oito negras? O Savedra—aquele que se formou em medicina! E depois detalhou:

Eu ia em viagem para Q... e um companheiro meu aconselhou-me a pernoitar na tribu de Z...—Visto que o regulo era mui atencioso. Calcula tu o meu pasmo ao deparar-me com um regulo de... monoculo (Savedra usava monoculo desde o 5.º ano de liceu). Era o que lhe restava da sua antiga adaptação aos costumes europeus! Conheceu-me logo! Mas como é! E ante a minha surpresa confessou: «Que queres tu? Mal provei esta vida já não quis voltar àquela que... não foi feita para mim. Meu pai morreu—eu herdei-lhe esta caricatura de trono—mas, seja como for, seria invejavel pelo mais feliz soberano do velho continente! Tenho a minha *gobata* apinhada de productos farmaceuticos, o unico vestigio da minha formatura em medicina. E os meus subditos adoram-me—e dispensam o foiticeiro—porque eu os trato da doença... à europeia».

A epidemia mundial dos Al-Capones...

Conclusão da página 13

acercar-se eles fuzilavam, em alguns segundos, o chefe de policia, que caiu instantaneamente morto; o detective, que ficou gravemente ferido e um creado corajoso que os quisera enfrentar e que morto ficou também. A rapidez com que agiram garantiu-lhes a impunidade—embora um dos assaltantes, tendo recebido, por erro de pontaria, a bala de um dos camaradas, caísse no soalho obrigando os outros a arrastal'o até ao auto que os esperava cá fóra. E até agora a policia argentina, não conseguiu deitar-lhes as mãos!

A foto que publicamos e que tiramos de «Aogor» de Buenos Ayres é uma fiel reconstituição da tragédia heroificada pelos reporteres daquela revista e segundo as informações de quem assistiu, sem ser visto, ao assalto...

Lisboa esteve há dois mezes, sob a ameaça de possuir também um bando à Al-Capone. Léra-se esta pequena noticia do «Dia Gráfico» de Barcelona—datado de 16 de Agosto: «A brigada moral do comisário, w. Mardel prendeu hontem um grego de nome Marco Constantinus que desembarcara, há dois dias nesta cidade e que confessou pertencer a um bando internacional cujos membros agiram, há tempos, nos Estados Unidos. O chefe, um italiano de famoso cadastro, dera-lhes como ponto de reunião, esta cidade, onde deviam partir para Portugal; e de Portugal, após alguns mezes de acção, tentavam regressar à America. Foi-lhe apreendida numerosa corres-

pondência de mais alta importância, provando-se que eles possuíam já um cúmplice que os informa da vizinha Republica tendo planeado, até a minúcia, alguns golpes de força em Lisboa, Porto, Braga etc.—sobretudo contra certos proprietários de grande fortuna. A brigada procura deter os outros membros do bando que se devem encontrar, dispersos, por Barcelona».

Dêstes nos livramos nós...

ATWATER KENT RADIO "O PRIMEIRO"



de Sintonização por tubo de
NEON

Electrónia, L.^{da}

Praça da Batalha, 191

TELEFONE 5800

PORTO

Distribuidores gerais
para o Norte

CHAPELARIA SANTO ANDRÉ

ALVARO PORTELA

78, Largo dos Poveiros, 80 (Antigo Largo de Santo André)

Telefone, 1776

PORTO

Vendas semanais com bonos

Sorteio semanal pela Santa Casa de Misericórdia

Valor 50\$00

(vinte semanais)

3\$00 semanais

TIPOGRAFIA LEITÃO

Trabalhos Tipograficos

em todos os generos

Execução rapida e perfeita

Rua da Picaria, 73

PORTO

ESCONDIDINHO

Sempre

O MAIS CARO
O MELHOR
O PREFERIDO

Para um bom almoço,
jantar ou ceia

Rua Passos Manuel, 144 — PORTO

Telefone, 79

Quereis Dinheiro ?

JOGAI NO

GAMA

Rua do Amparo 51

LISBOA

Preços correntes — Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES

Azeite "SANTA CRUZ,"

O MELHOR PARA MEZA

Rua do Almada 179, L.^o — Telefone, 4998

PORTO

PASSA-SE BEM
O VERÃO NO

ESTORIL?

O verão, e o inverno!

Se os estrangeiros preferem
o **ESTORIL**, qual a razão
porque os portugueses hão de
procurar Biarritz, Deauville,
Ostende, etc. ?

A Costa do Sol=igual a Cote
d'Azur; mas... é costa do sol
mesmo no inverno